

Souza, Fabiana Covolo de. Estudo comparativo entre reação de Mitsuda e fenotipagem HLA em pacientes hansenianos. (dissertação). São Paulo. Secretaria de Estado da Saúde. Coordenadoria de Controle de Doenças; 2005

Neste estudo propôs-se comparar o teste intradérmico de Mitsuda e os alelos HLA-DR2/HLA-DR3 e HLA-DQ1 relacionados com as formas clínicas da hanseníase, visando contribuir para o delineamento de nova metodologia no auxílio prognóstico desta doença. Foram estudados 176 pacientes hansenianos (50 HT, 50 HV e 76 HD). A tipificação do HLA-DR e HLA-DQ foi determinada pela técnica de PCR/SSP e reação de Mitsuda pela intradérmoreação com leitura em 28 dias. Na forma HT os resultados demonstraram que a reação de Mitsuda foi positiva em todos os pacientes, sendo 16% positivo¹⁺, 68% positivo²⁺ e 16% positivo³⁺. O diâmetro de induração variou entre 4,0 a 18,0mm, com valor médio de 7,5mm. A especificidade HLA-DR2 esteve presente em 28 dos pacientes deste grupo (24% HLA-DRB1*15 e 4% HLA-DRB1*16). A especificidade HLA-DR3 esteve presente em 16% dos pacientes (8% HLA-DRB1*17 e 8% HLA-DRB1*18), 2% apresentaram os alelos HLA-DR2 e HLA-DR3 simultaneamente, totalizando 46% da amostra estudada com o marcador. A forma HV apresentou a reação de Mitsuda negativa em todos os pacientes estudados. A especificidade do HLA-DQ1 esteve presente em 74% (34% HLA-DQB1*05, 28% HLA-DQB1*06 e 12% HLA-DQB1*05 e HLA-DQB1*06). No grupo HD, o padrão de leitura da reação de Mitsuda resultou em negativo em 48,7%, duvidoso 5,2%, positivo 1+ 30,3% e positivo 2+ 15,8%. O diâmetro da induração variou entre negativo a 7,5mm com valor médio de 2,4mm. Com relação aos alelos, HLA, não foi possível realizar a comparação, por não se ter verificado após estudo de associação, nenhum alelo relacionado ao grupo HD.

Malvezzi, Maria aparecida Pereira Nunes. Avaliação dos marcadores de função hepática na associação entre hanseníase e hepatite C crônica no Instituto Lauro de Souza Lima-Bauru. (dissertação). São Paulo. Secretaria de Estado da Saúde Coordenadoria de controle de Doenças; 2005.

A hanseníase é uma doença infecciosa crônica causada pelo *Mycobacterium leprae*, bacilo álcool-ácido resistente, não cultivável *in vitro*, que apresenta manifestações clínicas variadas através de sinais e sintomas dermato-neurológicos, que podem levar a suspeita diagnóstica da doença. A hanseníase é um problema sério de saúde pública no Brasil. Paralelamente a esses dados a hepatite C é uma doença infecciosa causada por vírus (HCV) que ataca as células hepáticas podendo desenvolver a cirrose e em alguns casos, até câncer. Transmitida principalmente por sangue infectado, e chamado de silenciosa porque a maioria dos portadores não apresenta sintomas, o que dificulta e atrasa o diagnóstico. Tem uma alta incidência de cronicidade e por esse motivo, constitui um dos maiores desafios de saúde pública em todo o mundo. Os números de portadores da doença em todo o mundo são alarmantes, atinge hoje mais de 170 milhões, sendo 3,2 milhões somente no Brasil, logo decidimos fazer uma avaliação dos marcadores de função hepática e a prevalência de marcador de hepatite C anti-HCV em 109 pacientes hansenianos de todas as formas clínicas, atendidos no Instituto Lauro de Souza Lima em Bauru. Os resultados deste estudo mostraram que 12,85% (14/109) da população apresentaram o marcador anti-HCV positivo e, destes 10% (6/60) eram do sexo masculino e 16,3% (8/49) do sexo feminino. Os portadores de sorologia positiva em sua maioria eram multibacilar (92,86% 13/14 virchoviano). Não detectamos diferença estatisticamente significativa (p menor igual 5%) entre os pacientes portadores e não portadores de anti-HCV quanto aos resultados de enzimas hepáticas. Certamente, os resultados obtidos nesta pesquisa são altamente relevantes, mostrando a necessidade de maiores investigações nesse campo e um melhor acompanhamento da função hepática, nos pacientes hansenianos, evitando assim maiores comprometimentos da saúde dos mesmos.

Opromolla, Paula Araújo. Espacialização da endemia hansenica no Estado de São Paulo, 1991 a 2002. (dissertação). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Medicina de Botucatu; 2005.

Objetivo: analisar o padrão espacial da ocorrência do caso de hanseníase detectados no Estado de São Paulo no período de 1991 a 2002. Método: estudo ecológico, tendo como unidade de análise os municípios do Estado de São Paulo georreferenciados em seus centróides, utilizando-se a geoestatística para detecção das áreas de probabilidade de risco para hanseníase e quantificação da dependência espacial dos casos. A fonte de dados utilizada foi o banco informatizado dos casos de hanseníase notificados do Centro de Vigilância Epidemiológica do Estado de São Paulo. Resultados: a dependência espacial detectada foi de 0,55 graus de coordenadas georreferenciadas que corresponde aproximadamente a 55 km. As principais áreas de probabilidade de risco encontradas foram às regiões nordeste, norte e noroeste do estado. Conclusões: a verificação de áreas com probabilidade de riscos, utilizando-se a análise de dependência espacial de casos de hanseníase, podem ser ferramenta útil para avaliar a situação de saúde e planejar alocação de recursos.

Gomes, Maria Kátia. Pacientes com hanseníase paucibacilar lesão única tratada com terapia de dose única ROM: avaliação de progressão da doença em coorte multicentrica (1997 - 2001). (dissertação). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Medicina; 2004.

Este projeto de investigação teve por objetivo definir o perfil clínico, epidemiológico, histopatológico e imunológico ao diagnóstico e também avaliar os fatores prognósticos associados com a evolução clínica dos pacientes de hanseníase PB/lesão única tratados com ROM/dose única em condições do campo. Trata-se de estudo de coorte multicentrica com seguimento de três anos, conduzido em diferentes regiões do Brasil: Norte, Centro-Oeste e Sudeste. Os casos recém-detectados de hanseníase PB/lesão única (n=259) foram recrutados e tratados de outubro de 1997 a dezembro de 1998. Na linha de base, a média de idade foi 32,4 (dp=16,0). 61,8% dos pacientes eram mulheres e 33,6% dos pacientes apresentaram histomorfologia BT, 29,7% I e 33,6% TT. 74,4% tiveram Mitsuda positivo e 17,7% anti-PGL1 positivo. A avaliação clínica dos pacientes recrutados foi mensal no primeiro semestre e de 6 em 6 meses de outubro de 1997 a dezembro de 2001. O completo desaparecimento ou redução do tamanho da lesão foi categorizado como evolução favorável. Evolução desfavorável foi definida como aumento no número das lesões, episódios de reação reversa e/ou neurites periféricas isoladas, além de mudança de forma clínica para MB. A densidade de incidência (DI) de eventos desfavoráveis foi calculada por pessoas-mes. Para calcular a probabilidade cumulativa de intervalos livres de eventos foi usado de Método de Kaplan-Meier. Em 03 anos de seguimento, 88,1% dos pacientes tratados apresentaram completo desaparecimento da lesão. A incidência de evolução desfavorável foi 17,8% (DI= 6,9/1000 pessoas-mes). A reação reversa (RR) foi o evento desfavorável predominante, principalmente entre pacientes BT. Houve baixa taxa de incidência de progressão de PB para MB (7/10 000 pessoas-mes). Para a coorte como um todo, a probabilidade de permanecer livre de eventos a partir do diagnóstico foi 92% (+/- 1,7%) no primeiro ano e 80,6% (+/- 2,55) no terceiro ano, estimado pelo método de Kaplan-Meier. A probabilidade de permanecer livre de eventos foi mais alta entre pacientes com menos de 40 anos (92,4% no primeiro ano e 85,7% no terceiro ano de acompanhamento). Os pacientes BT tiveram mais probabilidade cumulativa de apresentar evolução desfavorável durante os intervalos seguimento, quanto comparados com os pacientes I e TT (p=0,03). Em conclusão, nossos resultados evidenciaram a predominância de evolução favorável e baixa densidade de incidência de progressão para formas MB nos pacientes PB/lesão única tratados com ROM/dose única. No entanto, dentro do contexto da endemia hanseníaca brasileira, onde a frequência estimada de casos PB/lesão única é baixa, parece não haver grandes vantagens na adoção universal deste esquema do ponto de vista operacional. Reiteremos a recomendação deste esquema em unidades de referência, possibilitando a vigilância de episódios reacionais e possibilidade de avaliação do uso desse esquema a longo prazo.

Moreira, Marilda Vieira. Hanseníase no Estado do Espírito Santo: uma endemia em ascensão? (dissertação). Universidade de São Paulo. Faculdade de Saúde Pública; 2004.

Objetivo. Estudar a tendência da Hanseníase no Estado do Espírito Santo e suas macroregiões de saúde. Período 1980 a 2003. Método. Trabalho de delineamento descritivo, abrangendo análise de tendência e estudo ecológico exploratório. População de estudo: o universo dos casos de hanseníase, registrados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação da Secretaria de Estado da Saúde do Espírito Santo. Realizou-se estudo de tendência da incidência global, por faixa etária e por classificação operacional, utilizando modelos estatísticos para séries temporais. Os indicadores de avaliação da endemia foram analisados segundo parâmetros propostos pelo Ministério da Saúde. Resultados. Na análise de tendência, as curvas de incidência global e por faixa etária, indicam tendência de crescimento, menos pronunciado a partir do ano de 1996; tendência de crescimento para os paucibacilares e de estabilização para os multibacilares. A avaliação dos indicadores de acompanhamento da endemia revelou que o percentual de grau de incapacidade 2 manteve-se estável em baixos patamares, média de 6%; percentual de casos em menores de 15 anos abaixo de 10%, com discreta tendência ao declínio; altos índices de forma tuberculóide; percentual de abandono na faixa de 6%. A prevalência encontra-se em declínio. Conclusões. A tendência da hanseníase no Espírito Santo no período de 1980 a 2003 é de crescimento, apresentando menor velocidade a partir de 1996. Esta situação não é homogênea. Na Macro3 - Norte, onde os indicadores socioeconômicos são mais precários, a tendência é crescente. Tendência de declínio da prevalência, sugerindo influência de fatores operacionais. Merecem estudos adicionais, os altos índices de forma T verificados no Estado, e a grande oscilação dos dados da Macro2 – Sul.

Frazão, Karys Carvalho. Prevalência de olho seco em portadores de hanseníase do Hospital de Dermatologia Sanitária de Goiânia. (dissertação). Universidade de Brasília. Faculdade de Ciências da Saúde; 2002.

Objetivo: Determinar a prevalência de olho seco em portadores de hanseníase do Hospital de Dermatologia Sanitária de Goiânia, comparando-se a um grupo controle. **Desenho:** Estudo de prevalência. **Material e métodos:** A amostra do presente estudo inclui 70 portadores de hanseníase, do Hospital de Dermatologia Sanitária de Goiânia, e 30 indivíduos no grupo controle, da Fundação Banco de Olhos de Goiás, ambos localizados em Goiânia-GO. Foram realizados exame oftalmológico e testes de Schirmer I, break-up time (BUT) e rosa bengala em todos estes indivíduos em uma única avaliação. **Resultados:** Quarenta e quatro (63,0%) portadores de hanseníase eram do sexo masculino e 22 (73,3%) indivíduos do grupo controle, do sexo feminino ($p=0,001$). A idade média dos hansenianos foi de $61,1 \pm 12,5$ anos e no grupo controle, $55,7 \pm 9,6$ anos. Quinze (21,4%) hansenianos e quatro (13,3%) indivíduos do grupo controle apresentaram diagnóstico de olho seco ($p=0,429$). A forma virchowiana (74,2%) da hanseníase foi a mais prevalente e o olho seco (66,7%) foi mais frequente nesta forma clínica da doença. **Conclusão:** A prevalência de olho seco nos portadores de hanseníase foi semelhante à encontrada nos indivíduos do grupo controle.

Santos, Maria Francelina dos. O estigma na realidade intrafamiliar do adolescente com hanseníase.(dissertação). Universidade Federal do Ceara, 1999.

Objetivou-se pesquisar como o estigma se expressa na realidade intrafamiliar do adolescente, portador de hanseníase com incapacidade física e manchas visíveis, hiperpigmentadas pelos efeitos colaterais da clofazemina e suas reações, desde o momento do diagnóstico até a alta e compreender o comportamento do adolescente com Hanseníase, como age com a própria doença e sua vivência, no ambiente família. A pesquisa foi realizada no Centro de Saúde D. Libania - Fortaleza-CE-Brasil. Entrevistaram-se 22 adolescente de 13 a 21 anos, em tratamento para hanseníase ou específico para reação hansenicas. Os procedimentos envolveram entrevistas, grupos de encontro e consulta aos prontuários. Referencial teórico usado - Modelo Kubler-Ross (1992) e análise de conteúdo de Bardin (1992). Nos resultados, percebeu-se a presença forte do estigma subjetivo e intrafamiliar, centrado em membros que não mãe, nem o pai. O estigma foi percebido em parentes/contra-parentes, na vizinhança, e na escola. Cinco dos 22 entrevistados apresentaram idéia de suicídio, abandonaram estudos e emprego. Das faltas, emergiram 3 eixos temáticos com os temas (entre parênteses em negrito) e sub-temas (entre parêntese em itálicos): HANSENIASE E SEUS SIGNOS (manchas e neurites: abominação do corpo, vergonha, deterioração da auto-imagem, estigma subjetivo), HANSENIASE: REACAO POS-DIAGNOSTICO (Reação dos adolescentes: os estágios de Kubler-Ross, como negação, raiva, isolamento, depressão, barganha e aceitação, Reação dos conviventes: apoio, proibição, estigma familiar; Reação do grupo social: estigma social); HANSENIASE: ESPECIALIDADE E TEMPORALIDADE (o processo de diagnóstico - tratamento - expectativa da alta, alta). Conclui-se que os adolescentes necessitam de suporte psico-sócio-sanitário para enfrentar a doença, em todas as manifestações e aderir ao tratamento, a fim de evitar a emergência e incapacidade física, o que pode afasta-lo da convivência social, da escola e do trabalho.

Arruda, Cristiane Mendes. *Frequência dos agentes etiológicos de onicomicose em pacientes hansenianos*. (dissertação). São Paulo. Coordenação dos Institutos de Pesquisa. 2004.

A anestesia de extremidades é uma característica da hanseníase; os danos neural e vascular levam a deformidade. Uma das conseqüências comuns é o comprometimento ungueal, apresentando-se principalmente sob a forma de distrofia, que pode ser colonizada por fungos. A infecção micótica facilita o aparecimento de infecções bacterianas secundárias, que podem desencadear reações hansenicas, comprometendo a qualidade de vida do paciente. Neste trabalho, estudou-se a frequência de agentes de onicomicose em 104 pacientes hansenianos com lesões clinicamente compatíveis. Foram utilizados exame micológico direto e cultura, que foi repetida por três vezes. Encontrou-se frequência de 91,3% de onicomicose, com predomínio de leveduras (60,0%). Houve discordância entre exame micológico direto e cultura em 27,6% dos casos. Em 21,6% dos exames diretos microscopicamente positivos não foi observado crescimento fungico na respectiva cultura e em 6% dos casos verificou-se exame micológico direto negativo e cultura positiva. Os dermatofitos representam 26,7% dos isolamentos, sendo *Trichophyton rubrum* o mais frequente (15,3). Os fungos filamentosos não dermatofitos foram 13,3% das cepas isoladas, com maior frequência do gênero *Scytalidium* (10,5%). *Cândida parapsilosis* foi à espécie de levedura mais frequente (21,53%), seguida de *C. tropicalis* (7,69%) e *C. albicans* (7,69%). Os achados surgem que as unhas destes pacientes são suscetíveis as onicomicoses, principalmente com predisposição a infecção por agentes oportunistas.

Barreto, Jaison Antônio. Hanseníase dimorfa reacional: estudo comparativo, em biopsias cutâneas, entre reação tipo 1 ocorridas antes e durante a poliquimioterapia. (dissertação). São Paulo. Secretaria de Estado da Saúde. Coordenadoria de Controle de Doenças; 2005.

A hanseníase dimorfa e a forma clínica mais frequentemente associada à ocorrência de reações de hipersensibilidade medida por células (reação tipo 1), que podem ocorrer antes, durante ou depois do tratamento específico. Há várias teorias a respeito da patogênese dessas reações, as quais estão diretamente ligadas ao dano neural e às seqüelas. Visando-se compreender melhor a fisiopatologia das reações tipo 1, foram estudadas 10 biopsias cutâneas de indivíduos com hanseníase dimorfa-tuberculoide reacional não tratados e 10 de indivíduos dimorfos em reação reversa (após o início do tratamento específico), comparando-se os parâmetros morfológicos e imunoistoquímicos. Observou-se no grupo em tratamento, maior positividade das células para a enzima oxida nítrico sintase induzível (iNOS) e menor quantidade de linfócitos T CD8+ (p menor 0,05). Não houve diferenças significativas na baciloscopia e positividade para antígenos micobacterianos nos dois grupos, e nem na quantidade de células IL-10+, apesar de ter sido observada correlação negativa entre esta citocina e a proporção CD4/CD8 nos pacientes em tratamento (p menor 0,05). Notou-se também, tendência a redução do infiltrado específico (linfócitos T e B) e aumento do número de células citotóxicas inespecíficas (NK) no grupo em tratamento. Estes resultados são concordantes com trabalhos recentes, que sugerem que a reação tipo 1 representaria um desequilíbrio imunológico entre citocinas pro-inflamatórias e anti-inflamatórias.

Moreira, Maria Bernadete Rocha. *Hanseníase versus Lepra: o que mudou? (dissertação)*. Brasília. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde. Universidade de Brasília. 2005.

Resumo

O trabalho discute a estratégia do governo brasileiro de red denominação da doença *lepra* para *hanseníase* em 1976 com o objetivo de enfrentar o estigma da doença, objetivando melhorar o diagnóstico e a adesão ao tratamento. O objetivo foi verificar, após quase trinta anos da red denominação, se houve mudança na percepção dos pacientes na representação que eles fazem de sua doença e sua repercussão no estigma. Utilizando os conceitos da Teoria das Representações Sociais, foram entrevistados pacientes da rede pública de saúde do Distrito Federal, tendo por clivagem as palavras *lepra* e *hanseníase*, para testar seu grau de associação e detectar possíveis mudanças nos elementos da representação social da lepra. Foram realizadas entrevistas de evocação e de profundidade. Para análise dos dados foram utilizados os programas EVOC e ALCESTE. Com base na análise qualitativa, argumenta-se que nas três décadas decorridas desde a red denominação da doença, não houve ainda uma dissociação entre os dois nomes, mas que há indicações de que pode estar em curso uma transformação nos elementos periféricos da representação social da doença *lepra*. Essa transformação, ocasionada pela introdução do novo nome acompanhada de novas descobertas científicas sobre a doença, parece reduzida, porém pode ser considerada significativa, produzindo efeitos que já atenuam o estigma histórico, sendo percebidos, de forma difusa, pelos pacientes.

Abstract

This paper discusses the Brazilian government strategy of 1996, for the red denomination of the disease designated "Leprosy" to "Hansen's disease" with the target of facing such disease stigma, aiming to improve the diagnosis and the adherence to its treatment. The objective is to verify, after 30 years of such strategy implementation, the intensity of the change it produced in the patients' perception concerning the way they understand their disease and how that affects the stigma. Using the concepts of the Social Representation Theory, patients sharing the public healthy system of Distrito Federal were interviewed, having as a cleavage the words Leprosy and Hansen's disease, in order the degree of their capability of associating those words could be evaluated and also to detect the possible changes on the elements of Leprosy's social representation. The interviews were based on two parameters: Evocation and depth. For the analysis two programs, EVOC and ALCESTE were used. Based on the qualitative analysis, it is shown that in the past three decades since the disease rename there has not occurred dissociation between the former and the actual name of the disease so far, but there are indications that a transformation on the peripheric elements of the social representation of Leprosy's disease might be on course. Such transformation, started by the changing the introduction of a new name, along with the new scientific discoveries regarding that illness, seems to be little, but it can be considered significant,

producing results which have already lessened the historic stigma and being perceived, in a dispersed way, by the patients.

